



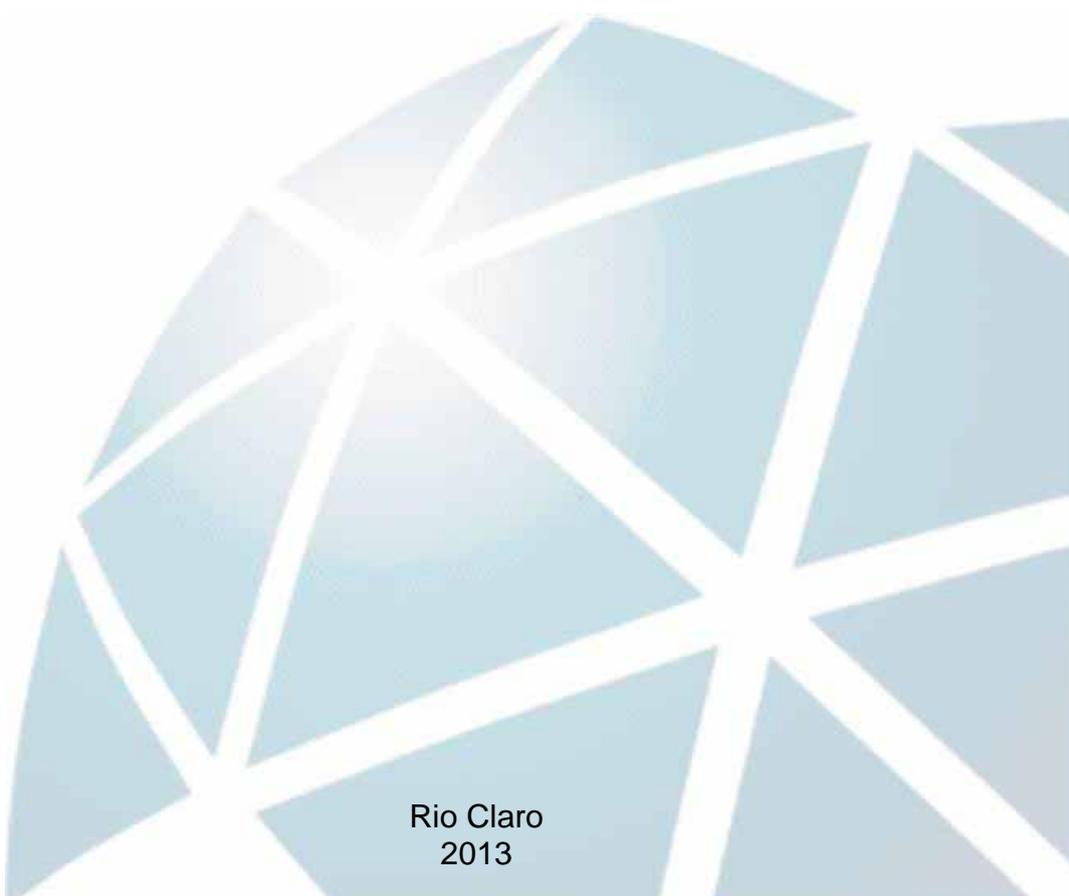
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS - RIO CLARO



LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

CARLOS SOBREIRA GONÇALVES

**CULTURA, EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE:
UM ESTUDO SOBRE O ENEM
- EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO**



Rio Claro
2013

CARLOS SOBREIRA GONÇALVES

CULTURA, EDUCAÇÃO E SUBJETIVIDADE: UM ESTUDO SOBRE
O ENEM - EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

Orientador: Professor Doutor Romualdo Dias

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau
de Licenciado em Pedagogia.

Rio Claro
2013

370 Gonçalves, Carlos Sobreira
G635c Cultura, educação e subjetividade : um estudo sobre o
Enem - Exame Nacional do Ensino Médio / Carlos Sobreira
Gonçalves. - Rio Claro, 2013
30 f. : il., figs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - pedagogia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de
Rio Claro

Orientador: Romualdo Dias

1. Educação. 2. Enem. 3. Práticas pedagógicas. 4. Matriz
de referência. 5. Avaliação educacional. I. Título.

DEDICATÓRIA

À minha esposa e companheira Josicleide Ferreira Sobreira e aos meus pais José Carlos Gonçalves e Iraci Sobreira de Oliveira Gonçalves, com muito carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus

“Louvo-te porque de um modo maravilhoso me formaste; as tuas obras são admiráveis e a minha alma o sabe muito bem (...). Na sua infinita bondade compreendeu os meus anseios e me deu forças para atingir meus objetivos (...).”

Aos meus pais

“A vocês que me trouxeram à vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade, não bastaria um muito obrigado”.

A vocês que me iluminaram os caminhos obscuros com afeto e dedicação, para que os trilhasse sem medo e cheia de esperança, não bastaria um muito obrigado.

A vocês que se doaram inteiros e renunciaram aos seus sonhos, para que muitas vezes pudesse realizar os meus não bastaria um muitíssimo obrigado.

A vocês, pais por natureza, por opção e por amor, não bastaria dizer não bastaria dizer que não tenho palavras para agradecer tudo isso.

É o que me acontece agora, quando procuro sofregamente uma forma verbal de exprimir uma emoção ímpar. “Uma emoção que palavras dificilmente traduziriam.”

À minha esposa e colegas de turma

“A todos vocês que de algum modo me incentivaram e acompanharam minha jornada, meu sincero agradecimento.

Frequentemente, meu cansaço e preocupações foram sentidos e compartilhados por vocês.

Foram tantas as vezes que me distanciei de vocês e me apegava aos livros... Mas cheguei lá!

E vocês estão juntos de mim, como no começo de tudo.

A alegria dessa conquista também é de vocês. “Final, seu amor, estímulo, carinho e compreensão são a alma dessa vitória.”

Muito obrigado!

“Grande é a tarefa que nos espera... Para todos os seres humanos constitui quase um dever pensar que o que já se tiver realizado é sempre pouco em comparação com o que ainda resta por fazer”. (João XXIII)

RESUMO

Nesta pesquisa pretendemos analisar as relações entre o Exame Nacional do Ensino Médio e a concepção de ensino, especificamente no modo de definição daquilo que se deve ensinar, presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais identificando pistas que nos auxiliem na explicitação de uma concepção de ensino e fazendo o confronto entre o dispositivo de avaliação presente no ENEM. Pretendemos identificar, ainda se existe coerência entre o que se ensina e o que se aprende nas escolas, sejam elas públicas ou particulares, e o que se avalia nas provas como o ENEM.

Este trabalho é parte integrante do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia tem como tema uma análise crítica sobre o sistema de avaliação do ENEM em relação as suas práticas pedagógicas escolares. O objetivo geral é trazer a lume a perspectiva avaliativa visada no Ensino Médio como prática formativa, em relação ao método avaliativo cobrado pelo Exame Nacional do Ensino Médio, procurando levantar a seguinte reflexão: A avaliação abordada no Ensino Médio segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais atende a perspectiva do Exame Nacional do Ensino Médio?

Para responder essa questão, o trabalho se especifica em uma pesquisa de campo através de análise de provas de Língua Portuguesa aplicada aos alunos do Ensino Médio em duas escolas, uma da rede pública e outra de uma escola particular, ambas da cidade de Rio Claro, interior de São Paulo, utilizando a análise em cima da Matriz de Referência do ENEM, a fim de mostrar se a prática pedagógica escolar cumpre a demanda desse sistema de avaliação.

Como metodologia esse trabalho parte de pesquisa bibliográficas, tomando-se para si os principais teóricos da avaliação como Luckesi (2005), Hoffman (1996) Saviani (1986) e a Proposta Curricular do Estado de São Paulo.

Palavras-chave: Enem; Avaliação; Práticas pedagógicas; Matriz de referência.

ABSTRACT

This research attempts to analyze the relationship between the National Secondary Education Examination and the design of teaching, specifically in the way of defining what should be taught, in the present National Curriculum identifying clues that help us in the explanation of a conception of teaching and making the confrontation between the evaluation device in this ENEM. We intend to identify, even if there is consistency between what is taught and what is learned in schools, whether it public or private, and it evaluates the evidence as ENEM.

This work is part of the Bachelor's Degree in Education Full theme is a critical analysis of the evaluation system ENEM regarding their school pedagogical practices. The overall goal is to bring to light the evaluative perspective envisaged in secondary education as a training practice, regarding the evaluation method levied by the National Examination of Secondary Education, seeking to raise the following reflection: The evaluation addressed in high school according to the National Curriculum meets view of the National Middle School?

To answer this question, the work specified in a field research through analysis of evidence applied to the Portuguese Language School students in two schools, one in public and one private school, both in the city of Rio Claro, São Paulo, the analysis on the Matrix Reference ENEM in order to show whether the school pedagogical practice meets the demand of this evaluation system. Methodology as part of the job search literature, taking for himself the main theoretical assessment as Luckesi (2005), Hoffman (1996) Saviani (1986) and Curriculum Proposal of the State of São Paulo.

Keywords: Enem; Evaluation; pedagogical practices; Matrix reference.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	01
1.1. Breve histórico da avaliação educacional brasileira	01
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO - ANÁLISE DE AVALIAÇÕES DO ENSINO MÉDIO	03
3. ASPECTOS SIGNIFICATIVOS E QUALITATIVOS DO PERFIL DOS PROFESSORES.	11
4 – AVALIAÇÃO CONTÍNUA E PROGRESSIVA	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	23
ANEXO 1	25
ANEXO 2	28

1. INTRODUÇÃO

1.1. Breve histórico da avaliação educacional brasileira

A partir dos anos 80, vários países adotaram políticas com a finalidade de avaliar o modelo de educação desenvolvido. Essas avaliações eram feitas através de testes, com ênfase nos resultados.

Nos últimos anos a sociedade brasileira, tem presenciado discursos a favor da aplicação de testes para verificar o desempenho dos alunos nos diferentes graus de ensino, a fim de controlar a qualidade do ensino ministrado no Brasil.

Pensando dessa forma, a avaliação educacional pode servir, tanto como controle e regulação por parte do Estado, como para inserção no mercado de trabalho, visando maior competição e desempenho além de reforçar valores como individualismo, meritocracia e competência (Catani, Oliveira e Dourado,2002).

Se olharmos deste ângulo percebemos, que resta um espaço muito pequeno para uma concepção de avaliação processual, democrática e emancipatória, voltada para o desenvolvimento escolar e para o aproveitamento do trabalho pedagógico.

Avaliar, com parte de um projeto educativo é diferente de medir. Medida refere-se à aferição, expressa em notas, conceitos ou menções, do aprendizado pretendido. Na tradição e no dia a dia das escolas, a medição tem sido mais valorizada do que a avaliação, tanto que muitos alunos estudam para tirar nota não para aprender.

Avaliar, por sua vez, reflete determinada concepção de educação, do papel do professor e do que é conhecimento. Só pela diferença entre medir e avaliar pode-se perceber as variadas concepções do que vem a ser o conceito de avaliação.

A questão avaliativa sempre esteve presente no ambiente escolar. Cada um com suas características, costumes e tradições.

Ao longo dos anos, essas questões têm passado por muitas modificações e adequações, porém sem sair do foco de medir o saber que foi construído pelos alunos, com a aplicação de instrumentos avaliativos convencionais, sem se preocupar com a aprendizagem em si.

A avaliação tem merecido muitos estudos e pesquisa, pois existe uma grande diferença entre examinar e avaliar, como já dito anteriormente. Estudiosos e teóricos da educação não têm medido esforços discutindo e orientando sobre a importância

de se ver e praticar a avaliação como um processo, pois entendem o exame como mensuração e um meio de exclusão, em que o aluno é submetido a instrumentos que possam determinar o quanto ele aprendeu, sobre o que lhe foi ensinado, inclusive com uma pseudo-precisão de décimos até.

Ao analisar avaliação deve ser continua ocorrer em todos os momentos pedagógicos e de várias maneiras. A cada turma avaliada deverá proporcionar ao professor retomarem junto aos alunos o que não foi totalmente aprendido, não importando o motivo do porque não houve aprendizagem.

Percebe-se que o desconhecimento da grande maioria dos professores, sobre como proceder ao avaliar, ocorre porque foram orientados da maneira antiga , tradicionalista, a medição; a qual mensura o saber através de exames.

A avaliação é um dos elementos fundamentais do processo ensino-aprendizagem. É por meio dela que os docentes poderão verificar se os objetivos por eles planejados, foram alcançados, funciona como fonte de elementos para o planejamento das novas etapas, ou reformulações dos processos que foram ineficientes.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE O EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO - ANÁLISE DE AVALIAÇÕES DO ENSINO MÉDIO

O ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio foi instituído através da Portaria MEC n.º 438 de 28 de maio de 1998 e tinha como principais objetivos os seguintes:

I – conferir ao cidadão parâmetro para auto avaliação, com vistas à continuidade de sua formação e à sua inserção no mercado de trabalho;

II – criar referência nacional para os egressos de qualquer das modalidades do ensino médio;

III – fornecer subsídios às diferentes modalidades de acesso à educação superior;

IV – constituir-se em modalidade de acesso a cursos profissionalizantes pós-médio.

Mais tarde o ENEM perde um pouco da sua característica de meramente mensurar o desempenho dos estudantes do Ensino Médio e passa a ser pré-requisito para concurso de bolsa de estudo, concedido pelo Governo Federal, pelo Programa PROUNI, instituído através da Lei n.º 11.096, de 13 de janeiro de 2005.

Em 2013, um Projeto de Lei que torna obrigatória a participação de todos os estudantes do 3.º Ano do Ensino Médio passa por aprovação, a fim de se obter resultados mais condizentes à realidade de cada escola, evitando-se que apenas os alunos mais qualificados participem desse exame e o desempenho de algumas escolas seja enganoso.

Contudo, o Exame não perde suas características essenciais de avaliar a qualidade do Ensino Médio e induzir mudanças curriculares nesta modalidade de ensino, além de selecionar os alunos para ingresso em Universidades.

Sabe-se que os documentos oficiais depreendem a competência de ler e escrever como uma função importantíssima para a inserção do sujeito na sociedade. Deste modo, a escola tem o dever de oferecer aos alunos subsídios para que desenvolvam tais competências. Pois segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 30). “Cabe a escola viabilizar o acesso do aluno no universo dos textos que circulam socialmente, ensinar a produzi-los e a interpretá-los.”

Analisando a matriz de referência para o ENEM, percebemos que ela baseia-se em 5 grandes eixos, comuns a todas as áreas do conhecimento. São elas:

- I – Dominar linguagens (DL);
- II – Compreender fenômenos (CF);
- III – Enfrentar situações-problema (SP);
- IV – Construir argumentação (CA);
- V – Elaborar propostas (EP)

Segundo Macedo (2005) o Enem é tido como um exame que segue uma referência teórica construtivista. As provas aplicadas por esse Sistema de Avaliação priorizam a resolução de problemas e a capacidade dos alunos em relacionar as informações dispostas pelo próprio item. Esse princípio enfatiza a capacidade de o estudante estabelecer novas conexões para lidar com questões que sejam verdadeiros desafios.

Fini (2005), afirma que o desafio do ENEM em sua prática avaliativa é de o aluno ser capaz de interpretar as informações, saber organizá-las, coordená-las adequadamente e projetar possibilidades, envolvendo os conhecimentos prévios.

Deste modo, esse trabalho procura fazer uma relação ao sistema de avaliação do ENEM em relação à prática avaliativa proposta pelos professores no Ensino Médio. Esse sistema de avaliação tem por objetivo avaliar os estudantes de escolas públicas e particulares do Ensino Médio.

Os dados além de servirem de base para o desempenho pessoal, também são utilizados pelo governo para definir políticas públicas educacionais.

Atualmente a maioria das universidades principalmente as públicas utilizam os resultados do ENEM dentro de seus sistemas de seleção.

Mesmo não sendo obrigatório, ano a ano vem atraindo um número cada vez maior de estudantes. Isto ocorre por conta das faculdades estarem utilizando os resultados do Enem para seleção dos candidatos nos vestibulares.

A avaliação aplicada não só verifica a aprendizagem dos conteúdos básicos, mas tem o foco principal de verificar as competências e habilidades que o aluno domina.

O aluno deve demonstrar capacidade para interpretar gráficos, textos, mapas, e informações em diversas linguagens, além de verificar se o aluno é capaz

de argumentar, solucionar problemas cotidianos e práticos, elaborar propostas de intervenção na realidade e apresentar ideias bem estruturadas.

O ENEM é um sistema de prova que visa observar a formação do aluno quando termina o Ensino Médio. O mercado de trabalho não espera mais um trabalhador que conheça apenas conteúdos. O trabalhador precisa apresentar habilidades e competências múltiplas para que possa desempenhar um bom papel dentro da empresa que poderá vir a atuar, portanto o exame está dentro de uma realidade de vida e de mercado.

Porém, o que se observa é que ele não reflete a realidade das práticas pedagógicas da escola, que continuam engessadas em seus sistemas de ensino e de avaliações tradicionais.

Sendo assim, esse trabalho propõe a análise de duas provas de língua portuguesa. Uma de uma escola pública e outra de uma escola particular. Dessa forma poderemos nortear a reflexão sobre o ENEM e confrontá-lo com o fracasso escolar.

O trabalho que aqui se propõe, portanto, não tem a pretensão de criticar essa avaliação, mas analisa-la.

Avaliações externas como SAEB (Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica) e Prova Brasil servem de parâmetro, juntamente com o fluxo escolar, para compor o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de cada escola e de cada rede, para que, a partir disso, cada uma delas (escolas e/ou redes) possam traçar metas e elaborar planos de ações.

Também a partir dos resultados dessas avaliações surgiram programas dos governos estadual e federal, de apoio à aprendizagem como Pró Letramento, Letra e Vida, Pro-infantil e o mais recente Pacto Pela Alfabetização na Idade Certa, além dos programas de livros didáticos e bibliotecas na escola. Mas isso para o Ensino Fundamental.

Muitas têm sido, portanto, as discussões a cerca do ENEM: qual sua finalidade, se realmente serve como indicador dos resultados alcançados pelas escolas, enfim, o que fazer frente à realidade do ENEM.

Sabe-se que atualmente o ENEM, que é uma versão do ENCEJA ¹, tem como finalidade principal servir aos jovens como ingresso no Ensino Superior e também para concorrer à Programas do governo federal como PROUNI ² e SISU³.

1 – Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, que avalia quatro áreas de conhecimento mais uma produção textual para certificar a conclusão da Educação de Jovens e Adultos.

2 – Programa Universidade para Todos, desenvolvido pelo MEC, concede bolsas de estudo integrais ou parciais em Universidades particulares, cujas condições para participação inclui a que o jovem tenha participado do ENEM.

3 – Sistema de Seleção Unificada, desenvolvida também pelo MEC, para selecionar jovens candidatos à vagas em Universidades públicas, cujo processo de seleção baseia-se unicamente na nota obtida pelo candidato no ENEM.

Dados indicam que desde o início da década de 90, quando se intensificou a aplicação das provas e exames já mencionados, os índices nacionais não param de crescer. Porém, duas perguntas ainda persistem: qual é de fato a importância das avaliações externas e o que fazer diante da divulgação dos resultados obtidos pelas escolas.

Este trabalho não tem por finalidade aprovar ou desaprovar o ENEM, nem tão pouco transformá-lo em vilão, mas traçar um paralelo entre o que se cobra a referida avaliação e o que de fato as escolas de Ensino Médio têm proposto em seus currículos.

O que se espera de fato é que, diante de resultados muitas vezes assustadores, todos os envolvidos no processo ensino-aprendizagem (redes, escolas, professores, pais de alunos, Conselhos Escolares, etc.) levem adiante as discussões sobre esses resultados e produzam documentos sobre as expectativas para cada Ano/Série.

Para tanto esse trabalho propõe a análise de duas avaliações aplicadas aos alunos do último ano do Ensino médio e confrontá-las com as expectativas do ENEM.

Em Língua Portuguesa, em situações de leitura, a Matriz de Referência para o ENEM, assim como as demais avaliações externas oficiais, privilegia os seguintes temas: reconstrução das condições de produção e recepção de textos, reconstrução dos sentidos do texto, reconstrução da textualidade, reconstrução da intertextualidade e relação entre diferentes textos, reflexão sobre os usos da língua falada e escrita e compreensão de textos literários.

Para a produção de texto, para a 3ª série do Ensino Médio, é solicitado um artigo de opinião com base em proposta que estabelece tema, gênero, linguagem, finalidade e interlocutor do texto.

Como se vê, prioriza-se a produção, compreensão e interpretação de textos, em detrimento de aspectos relativos à gramática normativa.

No entanto, analisando avaliações de Língua Portuguesa aplicadas em alunos do ensino médio, observa-se a predominância de questões que exigem apenas conhecimento da gramática normativa.

Questões relativas à leitura, compreensão e interpretação de texto, quando solicitadas, são bastante simplistas, não correspondendo ao grau de complexidade previsto na Matriz de Referência.

Considerando tratar-se de avaliações de Língua Portuguesa para a 3ª série do Ensino Médio, as habilidades solicitadas não correspondem ou estão aquém das previstas para a referida série.

Sendo o ENEM uma avaliação considerada construtivista, que privilegia atividades de resolução de problemas que requerem do aluno flexibilidade, articulação, autonomia de pensamento, ação e capacidade de integrar conhecimentos das diversas áreas, considerando que as avaliações analisadas não refletem a realidade do que se exige no ENEM.

Sabe-se que as avaliações externas devem servir de norte, tanto para adaptações curriculares quanto para a abordagem dos conteúdos previstos nesses documentos pelo professor. Portanto, a escola deixou de ser o lugar que toda criança, jovem ou adulto tem o direito de matricular-se e frequentar para “aprender” conteúdos pré-definidos “ensinados” pelo professor.

Todos têm sim direito a aprender. Mas esse aprender agora deve ser encarado sob outra perspectiva que não mais a de meramente apropriar-se do currículo, mas sim desenvolver habilidades e competências para relacionar os conhecimentos construídos com a aplicação em sua vida, tanto escolar quanto familiar e profissional.

Nesse sentido, os projetos didáticos ganham destaque no cenário educacional, afinal, todo projeto, seja qual for o tema ou área dos conhecimentos envolvidos, exigem trabalho coletivo, planejamento, pesquisa, capacidade de síntese, além de habilidades de comunicação para apresentação. Segundo Carlos Jamil Cury, essa “é a melhor forma de reconstruir a cultura antiga, pois não dá para trabalhar assim só com uma disciplina”.

Ainda segundo Carlos Jamil Cury, essa mudança na abordagem das aulas por parte dos professores deve acontecer gradativamente, um projeto por semestre, por exemplo, e aumentando esse número à medida que ele vá se acostumando com essa metodologia de trabalho e assim “sem pressa fica mais fácil criar uma cultura”.

Dessa forma, podem as instituições de Ensino Médio trabalhar as cinco competências previstas no ENEM, sendo elas:

Competência 1

Dominar a norma culta da Língua portuguesa e fazer uso das linguagens matemática, artística e científica.

Algumas habilidades:

- 1 – Ler e interpretar textos escritos na língua materna;
- 2 – Dominar elementos gráficos e geométricos, conseguindo interpretar dados;
- 3 – Identificar padrões comuns nos processos que garantam a evolução dos seres vivos;
- 4 – Reconhecer os códigos da linguagem artística e suas relações com o contexto histórico;
- 5 – Produzir textos orais e escritos para diferentes contextos e interlocutores.

“O grande problema da vida é fazer inferências” (John Stuart Mill). Nessa frase se resume a capacidade de articular informações recebidas para concluir um raciocínio ou deduzir um resultado, baseado no domínio dessa linguagem, afinal, aprender a ler é muito mais que aprender a decifrar os códigos linguísticos. É também saber interpretá-los, bem como a gráficos, estatísticas, desenhos, pinturas ou outras manifestações artísticas através da leitura de seus diferentes códigos e/ou símbolos.

Competência 2

Construir e aplicar conceitos das várias áreas do conhecimento para compreensão de fenômenos naturais, de processos histórico-geográficos, da produção tecnológica e das manifestações artísticas.

Algumas habilidades:

- 1 – Aplicar conceitos para compreender fato natural ou social;
- 2 – Entender diferentes escalas de tempo;
- 3 – Articular saberes.

Para se trabalhar essa competência de forma que os alunos desenvolvam as habilidades previstas, é necessário proporcionar que eles compreendam os fenômenos e como eles evoluíram no decorrer da história e sua aplicação no mundo, não apenas usando uma realidade para fazer a turma decorar conceitos prontos.

Competência 3

Selecionar, organizar, relacionar, interpretar dados e informações representadas de diferentes formas, para tomar decisões e enfrentar situações-problema.

Algumas habilidades:

- 1 – Tomar decisões partindo da análise de dados;
- 2 – Dada uma situação-problema, apresentada numa linguagem de determinada área de conhecimento, saber relacioná-la com sua formulação em outra linguagem;
- 3 – Interpretar com base em inferências ou conclusões autorizadas pelos dados disponíveis.

Nesse caso, os projetos ou mesmo as sequências didáticas são fundamentais, pois os alunos precisam, partindo de conhecimentos prévios, definir estratégias para atingir seus objetivos através de operações mentais muito importantes para tomada de decisão.

Dessa forma, outras habilidades como identificar caracterizar, relacionar, confrontar, calcular, prever, analisar e contextualizar todas as informações também serão desenvolvidas.

Competência 4

Relacionar informações, representadas em diferentes formas, e conhecimentos disponíveis em situações concretas, para construir argumentação consistente.

Algumas habilidades:

1 – Ser capaz de articular idéias e ordenar o pensamento, para convencer os outros de determinado argumento;

2 – Identificar pontos de vista diferentes, identificando os pressupostos de cada interpretação;

3 – Produzir uma linha de argumentação com base na coleta de informações;

4 – Defender seu ponto de vista de maneira consistente e lógica e contra argumentar possíveis contestações.

Construir argumentos consistentes é o ponto chave do desenvolvimento dessa competência, que está intimamente relacionada a aquisição das habilidades da competência citada anteriormente.

Competência 5

Recorrer aos conhecimentos desenvolvidos na escola para a elaboração de propostas de intervenção solidária na realidade, respeitando os valores humanos e considerando a diversidade sociocultural.

Algumas habilidades:

1 – Tomar parte em decisões que influem na vida comunitária;

2 – Exercer a cidadania por meio de seus diversos canais (partidos políticos, associações etc.);

3 – Compreender a realidade nas suas dimensões social, ética, política e econômica;

4 – Atuar, de maneira criativa, na melhoria do mundo em que vivemos.

Nesta quinta e última competência exigida pelo ENEM reside um aspecto fundamental da educação, o de intervir na realidade através do efetivo exercício da cidadania. Para tanto, a escola precisa despertar nos alunos o sentimento de solidariedade e de pertencimento da sociedade em que está inserido através de ações concretas de intervenção da realidade, deixando evidente papel de cada um para a transformação da realidade da micro e da macro sociedade.

3. ASPECTOS SIGNIFICATIVOS E QUALITATIVOS DO PERFIL DOS PROFESSORES.

Grandes discussões vêm se desenvolvendo atualmente, em torno da esfera acadêmica de formação do professor e da prática pedagógica.

É necessária que, um ensino básico unitário seja garantido a toda população brasileira. A formação do profissional da educação deve, portanto, proporcionar que estes adquiram as noções básicas, indo além do que devam ensinar, percebendo o homem como sujeito da história e organizador do espaço natural, cultural e produtor do espaço social e do próprio conhecimento, ou seja, é necessário que o professor seja capaz, através de sua prática, de mediar a interação do aluno, seja ela criança, jovem ou adulto, com o objeto de conhecimento produzido pelo próprio homem através da história.

Vários, pois, são os aspectos que, somados, culminariam nesse professor ideal.

O primeiro deles seria, sem dúvida, a formação. Há grande preocupação com os cursos de formação de professores oferecidos atualmente e com o nível de qualificação desses profissionais que estão sendo inseridos no mercado.

Um segundo aspecto a ser considerado é a idade desse profissional, aliada ao tempo de efetivo exercício da docência. Esse aspecto é, portanto, ambíguo, pois pode ser tanto positivo quanto negativo.

Ao mesmo tempo em que o profissional da educação se torna experiente com o passar do tempo, podendo aprimorar sua prática, não se pode desconsiderar que essa profissão é desgastante e cansativa podendo culminar no desinteresse pela profissão e no pouco ou até péssimo rendimento em sala de aula.

O terceiro aspecto a ser abordado, e não menos influente na prática docente, bem como na prática de qualquer outra profissão, é o salário do professor em nosso país. Tão importante profissão, não recebeu ainda o merecido reconhecimento, nem em termos de valorização, nem tampouco, em termos de remuneração.

O baixo salário do professor acarreta um quarto fator que pode prejudicar o desempenho em sala de aula, o acúmulo de jornada. Os profissionais da educação trabalham, em geral, dois períodos, tendo casos de professores que chegam a acumular três períodos para garantir um salário razoável no final do mês.

As relações interpessoais e as condições de trabalho são o quinto aspecto, que auxiliam ou prejudicam o trabalho do professor. O respeito entre os profissionais que trabalham na escola (diretor, coordenador, professor, servente, cozinheiro, monitor, etc.) e a manutenção da ética profissional é fundamental.

Uma pessoa bem estruturada nas suas relações pessoais e familiares, certamente será um profissional equilibrado, não deixando que eventuais problemas externos influenciem em sua prática docente. Este seria o sexto aspecto abordado.

Em sétimo e último lugar, consideramos o acesso, a disponibilidade e o hábito culturais, um aspecto essencial para o desempenho da prática docente.

Depois de discorrer sobre as competências que devem ser desenvolvidas pelo professor brasileiro, será abordado o aspecto do perfil da classe docente. Essa é constituída por pessoas das camadas média e médio-baixa - e define-se em função da expectativa e da prática cotidiana de luta pelo ingresso na classe dominante - em geral do sexo feminino, com formação acadêmica de nível médio (curso profissionalizante) mais a formação em nível superior, porém com hábitos de atividades culturais precários.

A equipe gestora de cada unidade educacional deve estar atenta ao perfil do corpo docente de sua escola, sua formação, qualificação e habilidades, bem como suas deficiências, para que a partir desse diagnóstico possa nortear os trabalhos de orientação e formação em serviço do professorado com mais eficiência.

O professor, na atualidade, tem sofrido com a distorção do seu real papel dentro de uma escola, ocasionado, principalmente, pelo fato de as famílias terem se tornado relapsas no que se refere à educação guarda, preservação da integridade física e alimentação das crianças.

Afinal qual é a função do professor? Ensinar ou cuidar?

Essa dúvida assombra por vezes, até mesmo os profissionais mais experientes, principalmente os de educação infantil.

Zelar pela integridade física das crianças, pela educação, bem como preparar um cardápio balanceado nas refeições oferecidas, são função da escola, mas não especificamente do professor.

É preciso tomar muito cuidado para que os professores não se acomodem com esse mito que se criou em torno dele, como aquele que “ganha para cuidar” das crianças enquanto a mãe trabalha, ou porque esta não aguenta os filhos em casa,

para que a sua prática não se restrinja a apartar brigas, impedir que corram no pátio, que lavem as mãos depois de usar o banheiro, que escovem os dentes após as refeições e dê a eles papel e tinta para passarem o tempo ocupado, sem nenhum objetivo pedagógico.

O professor é, sem dúvida, peça fundamental dentro de uma escola. Não é uma boa escola que faz o bom professor, mas o bom professor quem faz a boa escola, a escola de qualidade.

Para que o professor possa fazer uma boa escola, este precisa se aperfeiçoar e se qualificar constantemente, para que cada ação dele em sala de aula seja guiada por uma teoria com finalidades específicas que o auxiliem na condução da aula a fim de atingir os objetivos propostos.

Segundo Luiz Márcio Imenes, as escolas com melhores desempenhos nas avaliações externas “são aquelas cujos professores têm melhores formações, em geral são professores concursados, cujas condições de trabalho são mais atraentes e com fortes vínculos com a escola”.

Contudo, no caso da profissão docente há uma ambivalência que acaba descaracterizando tal profissão, como bem aponta Enguita, quanto a:

-Competência: carece de um jargão social próprio, pois qualquer pessoa sente-se capaz de julgar sua capacidade; qualquer pessoa sente-se capaz de ser professor, um “amigo da escola”, a monitora e até mesmo a faxineira podem substituir o professor quando este falta, sem ter para isso, nenhuma formação acadêmica.

-Vocação: a imagem social de um graduado varia entre alguém que renunciou a uma posição social mais vantajosa pela vocação social e a de quem não conseguiu um posto melhor ou mesmo ingressou neste curso profissionalizante pelo fácil acesso. Além disso, o docente é um assalariado e o valor de seu trabalho depende da valorização social dele.

-Licença: há um campo parcialmente demarcado para a atuação dos professores (o que por vezes não fica bem definido é o papel que estes devem exercer dentro das instituições de ensino). Há, contudo, liberdade para o ensino informal.

-Independência: os docentes são parcialmente autônomos frente às organizações e ao seu público, pois muitas vezes sua prática e sua ideologia

esbarram em legalidades desnecessárias ou entram em conflito com a ideologia de seus superiores, prejudicando o desenvolver de suas atividades, principalmente tratando-se de escolas particulares.

-Auto regulação: a categoria carece de um código ético ou deontológico e de mecanismos próprios para julgar seus membros, resolver conflitos internos e controlar a formação de seus futuros membros.

Muito se tem preocupado, também com o fazer pedagógico com a finalidade de preparar o aluno para a vida. E isso é de fato importante. É preciso preparar nossas crianças para o enfrentamento dos problemas que a vida irá lhe impor, proporcionando a criança o desenvolvimento global de suas habilidades cognitivas, motoras, afetivas, sociais e seus conhecimentos específicos, dispensando uma atenção toda especial para as crianças em idade pré-escolar, pois estão na fase do desenvolvimento e formação do seu caráter e onde ela internalizará conceitos e valores que levará para a vida adulta.

Segundo Souza, (2004, p.32):

A criança passa por períodos de transformação que se dá com a maturação e que são de importância fundamental na estruturação de sua identidade. São eles: andar, falar e aprender a ler e escrever. Todos sabem da importância da condução do adulto na aprendizagem dos primeiros passos e na fala das primeiras palavras. A interação que propicia à criança confiança, segurança e esperança em seu desempenho, o faz acreditar em si mesmo como indivíduo, como ser em expansão, é a que melhor contribui para o estabelecimento de uma identidade bem definida e saudável.

Mas para que isso aconteça, é preciso, em primeiro lugar, de professores qualificados, comprometidos com o fazer docentes e conscientes da importância de sua função no processo de construção do conhecimento e isso só será possível através de ações planejadas e com objetivos muito bem definidos.

Assim, os professores não podem tornar-se operários do ensino ou meros executores dos livros didáticos concebidos de forma alheia ao processo de aprendizagem que acontece dentro da sala de aula, mas devem ser os profissionais especializados, responsável por conduzir e mediar tal processo.

Segundo Enguita, uma análise da categoria docente não pode ser simplesmente uma análise de classe, mas também uma análise de gênero, visto que

esse setor é constituído em sua maioria por mulheres. Esse processo de feminização do setor educacional se deu por dois motivos fundamentais:

- Questões ideológicas (ideologia patriarcal): apoiadas no assistencialismo do Estado, como extensão extra doméstica das funções familiares e por considerarem as mulheres moralmente mais conservadoras e mais dispostas a aceitar a autoridade e a hierarquia que os homens;

- Questões econômicas: os baixos salários afastaram os homens, mas em contrapartida as próprias mulheres têm aceitado essa condição, pois seu salário representa uma segunda fonte de renda ou podem se aproximar do salário dos homens.

O processo de desenvolvimento sociocultural do professorado, da Educação Infantil ao Ensino Médio, esbarra em alguns problemas, acarretados inclusive pelos baixos salários enfrentados por esses profissionais, como citado acima, dentre outros como:

- Condições econômico-financeiras – o déficit salarial do professor não permite que este tenha como sustentar hábitos culturais que favoreçam o desenvolvimento individual necessário para o desempenho da função docente.

Embora haja um discurso que diga que “salário não é tudo”, torna-se difícil ao professor sustentar-se (comer, vestir, morar) e ainda aperfeiçoar-se culturalmente com um salário baixo, apenas pelo amor que sente pela profissão, até porque este, muitas vezes é arrimo de família, como já mencionado.

- Tempo – o docente trabalha, em geral, dois a três períodos, o que resulta em prejuízo ao professor em dois aspectos: falta de tempo para dedicar-se a outras atividades e desgaste físico e emocional em virtude da dupla jornada de trabalho, o que acarreta no desinteresse desse profissional.

- Acesso – o município onde estamos realizando a pesquisa não oferece atividades culturais nem à população, nem tão pouco aos professores que, se tivessem disponibilidade financeira e de tempo, teriam que viajar para outra cidade.

Segundo Menga Lüdke (1996) a formação inicial, é apenas inicial deve ser complementada pela prática vivenciada na sala de aula e pelo processo contínuo de aperfeiçoamento profissional, através de cursos de graduação ou de extensão, além da formação em serviço contemplada nos HTPCs e nas reuniões Pedagógicas.

Não se trata de subestimar a importância dessa formação que traz a teoria necessária para todo o trabalho docente, mas sim de acompanhar o desenvolvimento global que estamos vivenciando.

De acordo com Gonçalves, apud Mizukami (1996, p. 25 à 45) o desenvolvimento profissional pode ser dividido em três esferas:

- Desenvolvimento pessoal é percebido como o resultado de um processo de crescimento individual (personalidade, habilidade e interação com o meio);
- A profissionalização é vista como resultado da aquisição de competências seja da esfera acadêmica ou experiencial (a prática docente em si);
- A socialização profissional que se refere as aprendizagens do professor quanto a sua interação ao meio profissional, como a adaptação e influência mútua ao grupo profissional e a escola em que trabalha.

Para Huberman (1998, p. 51-75), há momentos na carreira que podem ser definidos da seguinte forma:

1. **A entrada na Carreira:** inclui as fases de sobrevivência e de descobrimento. A sobrevivência traduz-se no “choque com a realidade”: a preocupação consigo mesmo, as diferenças entre os ideais e a realidade. O descobrimento traduz o entusiasmo do começo, a experimentação o orgulho de ter a própria classe, os alunos. De acordo com Huberman esta fase pode ser vivida de forma fácil ou difícil. Os que dizem ser uma fase fácil mantêm relações positivas com os estudantes, considerável senso de domínio do ensino e mantêm o entusiasmo inicial. Os professores que acham que é uma fase difícil associam-na à uma carga docente excessiva, à ansiedade, à dificuldades com os estudantes, à grande investimento de tempo, ao sentimento de isolamento etc.
2. **A Estabilização:** entre os quatro e seis anos de docência, frequentemente ela coincide com a obtenção de um cargo efetivo como professor e com o estabelecimento de um compromisso deliberado com a profissão. Esta etapa caracteriza-se por um maior sentimento de facilidade no desenvolvimento das classes, domínio de um repertório básico de técnicas instrucionais, assim como de ser capaz de selecionar métodos e materiais apropriados em função dos interesses dos alunos. Os professores atuam de modo mais independente e geralmente se sentem mais integrados com os colegas e começam a pensar na sua promoção.
3. **A Experimentação ou Diversificação:** esta fase não é igual para todos os professores, para alguns suas energias se canalizam na melhora de sua capacidade como docente: diversificam métodos de ensino, experimentam novas técnicas, etc. Outro grupo de professores centra seus esforços em busca de uma promoção profissional em áreas administrativas (diretor, vice diretor ou

coordenador). Um terceiro grupo de professores caracteriza-se por ir diminuindo seus compromissos profissionais, abandonando a docência ou se dedicando a outra atividade paralela.

4. **O Profissional Estável:** desenvolve-se entre os 40-55 anos. Este é o período que pode ser de mudança mais ou menos traumática para os professores, que frequentemente se questionam sobre a própria eficácia como docente. Influi também o fato de estarem rodeados de gente mais jovem, tanto alunos, como seus próprios colegas de trabalho. Há dois grupos de professores: o primeiro caracteriza-se pela serenidade. Eles se sentem mais confiantes, menos preocupados com as suas salas e com os problemas cotidianos da escola, eles se preocupam mais em ter prazer com o ensino e se tornam a coluna vertebral da escola. O segundo grupo de professores são aqueles que se imobilizam, tornam-se amargurados e é pouco provável que se interessem pelo próprio desenvolvimento profissional. É a fase chamada de conservadorismo: tem a ver com a atitude, de alguns professores entre 50 e 60 anos, de queixa sistemática contra tudo: os colegas, os alunos, o sistema.

5. **A preparação para a aposentadoria:** encontram-se três padrões de reação diante dessa etapa: uma é o enfoque positivo, e supõe um interesse em especializar-se ainda mais, preocupando-se mais com a aprendizagem dos alunos, trabalhando com os colegas. Um segundo padrão é o defensivo, que é semelhante ao anterior, mas mostra menos otimismo e uma atitude menos generosa relativamente às experiências passadas. O terceiro grupo é formado pelos desencantados, pessoas que adotam padrões de desencanto com respeito às experiências passadas, estão cansadas e podem ser uma frustração para os professores mais moços.

4 – AVALIAÇÃO CONTÍNUA E PROGRESSIVA

Avaliação. Trata-se de um tema extremamente complexo e, por isso, merecedor de capacitação dos docentes para que possa substituir, gradativamente, a avaliação classificatória, predominante entre grande parte dos professores, pela avaliação diagnóstica.

Grande parte dos autores que tratam da avaliação escolar ignora a inadequação da estrutura do sistema de ensino público, para realizar uma avaliação, que acompanhe, passo a passo, o crescimento do alunado a partir do diagnóstico da aprendizagem.

Pesquisas de avaliações são importantes para que a população tome ciência se os recursos públicos utilizados estão sendo bem investidos. Essas pesquisas interessam aos bons governantes e bons funcionários, pois as mesmas podem diagnosticar os bons resultados, e as falhas dando condições para que se corrija e redirecione a rota, reformulando programas para que os objetivos propostos sejam alcançados.

Ao avaliar os alunos pretendemos detectar problemas em sua aprendizagem e solucioná-los ou, simplesmente, testá-los sobre o conhecimento, que procuramos transmitir nas aulas para classificá-los com bom ou mau aproveitamento.

Essas duas questões distinguem a avaliação diagnóstica da classificatória.

Para muitos professores, alguns até por falta de informação, “avaliar” significa aplicar provas para as quais está estabelecido certo número de questões de um determinado conteúdo, que os alunos deveriam ter assimilado, a fim de obter um desempenho de acordo com os parâmetros, consciente ou inconscientemente, rígido, determinado pelos docentes.

Ou, ainda, solicitar trabalhos e pesquisas para melhorar a “nota”, que, quase sempre, se resumem em cópias de livros ou da internet principalmente no ensino médio.

Muitos professores não se dão conta de que essa forma de avaliação, quase sempre, caracteriza a simples devolução de conteúdos cuja assimilação, conseguida por alguns privilegiados, não resulta em aprendizagem real para eles e muito menos para a maioria dos avaliados.

Pois os conteúdos, objetos das avaliações, tornam-se às vezes irrelevantes na medida em que as questões não foram preparadas, com base em objetivos bem

definidos, ou formulados para a aplicação em situações novas, a partir de conhecimentos teoricamente assimilados pelos alunos.

Justamente, por relacionar os alunos com base no bom ou mau aproveitamento, é que essas “provas” recebem o nome de classificatórias.

Classificatórias porque avaliam os alunos de acordo com seu desempenho, num determinado momento, em comparação com os resultados do conjunto da classe, sem que o aluno tenha a oportunidade de expor seus pontos de vista sobre suas respostas, as hipóteses que teriam levantado para solução das questões propostas e a possibilidade de aprender a partir de erros, passíveis de serem revistos, se tais questões fossem discutidas com a classe.

Assim, no momento em que o professor elaborar provas cujas questões forem formuladas a partir de objetivos definidos aplicando-as em situações novas e, após a correção, sejam elas discutidas com os alunos para solucionar seus problemas de aprendizagem, a prova classificatória, transforma-se numa avaliação diagnóstica.

Em nossa unidade escolar qualquer forma de avaliação, sejam provas, trabalhos em grupo, pesquisas, participação do aluno nas atividades rotineiras de sala de aula, ao serem avaliadas, deverão sempre, constituir-se em novo momento de descoberta e possibilidade de novas aprendizagens, ou seja, algo dinâmico e não estático.

Na avaliação de resultados é a mais indicada na área de educação, começando pela de desempenho do aluno, que deve ser vista como um instrumento a serviço da aprendizagem, da melhoria do trabalho do professor e do aperfeiçoamento da própria instituição.

Pode auxiliar na avaliação da proposta pedagógica da escola, verificando desde a sua execução, os efeitos causados na aprendizagem dos alunos, até das avaliações externas como no nosso caso PROVA BRASIL, SARESP, SAEB.

Pensar na avaliação da escola significa discuti-la além do espaço de sala de aula, significa pensa-la como instrumento de ampliação das ações da escola no sentido da qualidade do ensino oferecido.

Desse modo é fundamental o nosso papel como gestor, no processo, pois podemos encaminhar questões referentes à avaliação da instituição.

A avaliação não deve ser um instrumento de controle de poder, ela deve visar o crescimento pessoal e coletivo. Deve levar em consideração todos os aspectos da dinâmica da escola.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário resgatar a educação no seu sentido mais amplo e verdadeiro. O ESTADO tem condições de fornecer uma educação de qualidade para todos, basta investirem em políticas educacionais, em reformas que realmente se efetivem.

A função docente na última década vem passando por diversas transformações resultantes de mudanças nas concepções de escola e de construção do saber que vem ocorrendo na sociedade e trazem, conseqüentemente há necessidade de se repensar a prática escolar cotidiana.

Além disso, as novas relações sociais de trabalho criadas no mundo contemporâneo, com suas novas tecnologias, veem introduzindo um novo contexto em que a informação e a comunicação ocupam papéis centrais (Gatti,1996).

O processo de formação de professores perante a este quadro requer criatividade e ousadia para que se construam novos modelos educacionais, para que se melhore o mais rápido possível a qualidade de ensino brasileira. Dados recentes do MEC apontam para uma melhora nos índices gerais de sucesso escolar no país, mas ainda muito tem que ser feito para melhorar o nível educacional da população.

Os resultados das avaliações educacionais externas como Saesp, e dada a importância do trabalho do professor, fica bem claro a necessidade de investir na qualidade da formação dos docentes e no aperfeiçoamento das condições de trabalho nas escolas, para que estas favoreçam a construção coletiva de seus projetos pedagógicos.

Entendo ser de máxima urgência uma política de desenvolvimento profissional que considere a escola não só como espaço de trabalho, mas também de formação, ou seja, um local onde os saberes possam ser produzidos e partilhados, num processo formativo permanente e integrado a prática do professor., para que o mesmo adquira uma identidade profissional.

Com o intuito de melhorar o ensino muitas prefeituras após municipalização têm terceirizado os serviços educacionais, mas, como dizem os especialistas “terceirizar a educação não é o melhor caminho para formação do aluno nas escolas públicas” é preciso ter cautela, escolas privadas treinam o aluno para vestibulares a formação geral não é priorizada, enquanto a escola pública tem como obrigação a

formação da cidadania. Cidadania é o direito de viver com dignidade, implica ter educação, saúde, lazer, ter um emprego e salários, ou seja, ter direitos adquiridos.

A escola pública deve ser entendida como um espaço de participação, de aprendizado dos códigos básicos de uma sociedade, para isto é necessário ler, escrever e interpretar, isto pode ser feito de várias formas.

O produto final é ter um indivíduo que possa lidar com a complexidade do mundo, que possa entender desde a questão do negro, da discriminação das mulheres da situação da criança, saber lidar com questões tecnológicas atuais.

A escola pública tem condições de oferecer tudo isto, basta que o Governo abra espaço para que o professor participe de maneira efetiva da política pedagógica, embora a educação não seja só responsabilidade do Governo e do Professor, cabe também à sociedade a família.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio*. Brasília: MEC/ Semtec, 1999.
Instituto nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. *Enem: Documento Básico*. Brasília: O Instituto, 2000.

DEMO, Pedro. *Avaliação qualitativa*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1987. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 25)

DEMO, Pedro *Educação e qualidade- 2 ed*. Campinas, Papirus, 1995 (Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico)

DEMO, Pedro *Desafios Modernos da Educação 4 ed*. Petrópolis, Vozes 1993;

GARDNER, Howard. *O verdadeiro, o belo e o bom*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, Fernando e VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MACEDO, Lino de. "Eixos teóricos que estruturam o Enem: conceitos principais: competências e habilidades; situação-problema como avaliação e como aprendizagem; proposta para pensar sobre situação-problema a partir do Enem". *In: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. I Seminário do Exame Nacional do Ensino Médio*. Brasília, outubro de 1999.

MACHADO, Nílson José. "Eixos teóricos que estruturam o Enem: conceitos principais: interdisciplinaridade e contextualização". *In: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. I Seminário do Exame Nacional do Ensino Médio*. Brasília, outubro de 1999.

MEIRIEU, Phillipe. *Aprender... sim, mas como?* 7ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Brasília: Unesco, Cortez, 2000.

PERRENOUD, Phillipe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PERRENOUD, Phillipe. *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed, 1999.

PIAGET, Jean. *Seis estudos de psicologia*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

SACRISTÁN, J. Gimero & GÓMEZ, A. I. Pérez. *Compreender e transformar o ensino*. Porto Alegre: Artmed.

SANTOMÉ, J. T. *Globalização e Interdisciplinaridade: currículo integrado*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1998.

ANEXOS 1

Escola: Prof. Roberto Garcia Losz

AVALIAÇÃO DE LINGUA PORTUGUESA – 2º BIMESTRE –

Nome do Aluno: _____

Interpretação de texto

Todas as Cartas de Amor são Ridículas

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.
Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.
As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.
Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.
Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.
A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

Carlos Drummond de Andrade.

1. Qual o tipo de texto apresentado acima e qual é a sua estrutura?

2. Como o eu-lírico exemplifica as cartas de amor como Ridículas, porque ele a denomina deste modo?

3. Retire um trecho que prove que o eu-lírico escrevia cartas de amor.

4. Como o eu-lirico descreve as pessoas que nunca escreveram cartas de amor?

5. O que o eu-lirico quis expressar com - "se há amor"?

6. Sobre qual substantivo é centrado o texto?

7. Transforme a locução adjetiva – de amor – em adjetivo.

8. Dê as frases abaixo o sentido real:

a) Maria é uma **flor de menina**.

b) João e Maria são como **cão e gato**.

c) **O tempo leva os amores e as dores**.

d) Cansei de **quebrar o seu galho**.

9) Nas frases abaixo há erros, grife-os e escreva da forma correta:

a) Paulo chegou derrepente e assustou Maria.

b) Já cansei de falar...de cantar...de dansar.

c) Ana comeu demais, porisso, foi ao ospiatou.

d) Jonas chingou, berrol e gritol, mas ninguém escutou.

e) João estuda mais só tira nota baicha.

10) Reescreva formando uma só frase tirando a repetição e mantendo a coerência.

a) **Antonia** chegou atrasada. Paulo chamou a atenção de **Antonia**.

b) **José** bebeu demais. **José** passou mal.

c) Eu ganhei um anel. O anel é lindo.

11) Transcreva a frase: “Todas as cartas de amor são ridículas.” De forma interrogativa e exclamativa.

12) *Também escrevi em meu tempo cartas de amor.* Classifique o narrador, destacando as palavras que permitem essa classificação.

13) Pontue corretamente o texto abaixo:

Minha boneca preferida anda fala tem olhos azuis e é muito linda Ela diz Mamãe e papai.

Mas minha mãe falou-me filha está na hora de largar as bonecas

G O G		Tipo	Bimestre	Data	Disciplina	Professor
Nome		R	4º Bimestre	13/12/2012	GRAMÁTICA	
		Nº	Série	Turma		

ANEXO 2

1) Leia a tirinha para responder as questões:



a) Por que ocorre crase na palavra “à medida que” ?

b) Na frase acima “às 5 horas do dia seguinte” a crase utilizada está correta? Por quê?

c) Segundo as regras da gramática normativa, a crase ocorre sempre diante de nomes femininos, porém na frase “ quem acorda com as galinhas”, por que não ocorre crase?

2) Com base na tira abaixo dê a regra geral do uso da crase



3) De acordo com a regra que você expôs acima coloque o sinal da crase quando necessário:

- a) Vou a escola
- b) Preciso ir a padaria
- c) Ele foi a pé para escola
- d) Mariana anda a cavalo

4) UF-RS) Disse ela que não insistisse em amar quem não queria

- a) a - a - a
- b) à - à- à
- c) a - a - à
- d) a - à - à
- e) à - a - a

5) Há crase em:

- a) Responda a todas as perguntas.
- b) Avise a moça que chegou a encomenda.
- c) Volte sempre a esta casa.
- d) Dirija-se a qualquer caixa.
- e) Entregue o pedido a alguém na portaria

6) Complete as frases com a ou à.

- a) Vou escola e feira.
- b) Devolva ficha atendente.
- c) Mostre-nos calça que você ganhou.
- d) Peça desculpas supervisora e vá sala de aula.
- e) Você irá reunião de pais?
- f) Entregue prova professora.
- g) O rapaz disse namorada que voltaria tarde.
- h) turma deu uma rosa diretora.

7) Complete as frases com aquele, àquele, àquela, àquelas, àqueles, aquelas.

- a) Entregou essa carta moça.
- b) Refiro-me meninas e não a essas.
- c) Pegue envelopes e guarde-os na gaveta.
- d) Devolva as avaliações candidatos.
- e) Você vai shopping?
- f) Chame pessoas que estão aguardando na fila.

g) Mostre senhora onde fica a loja de informática.

9) Em uma propaganda diz-se “ ***Cabelos à Neymar***”. Segundo a regra gramatical, nunca ocorre crase antes de nomes masculinos. O por que nesse caso a crase é considerada correta.



10) Coloque a crase onde for necessário.

- a) Chegaremos as quatro horas da tarde.
- b) Chegaremos a qualquer hora.
- c) O Papa caminhava a passo firme.
- d) Referiu-se aquilo que viu.

GRADUANDO: CARLOS SOBREIRA GONÇALVES

ORIENTADOR: PROFº DOUTOR ROMUALDO DIAS